

The background is a painting of a man's face in profile, looking upwards with his mouth open. His hands are raised towards the top of the frame, with fingers spread. The colors are muted, with earthy tones and a soft, painterly texture.

O cego de Jericó

Lucas 18:35-43 – NAA

permanente



35 Aconteceu que, quando Jesus se aproximava de Jericó, um cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmolas. **36** E, ouvindo o barulho da multidão que passava,



perguntou o que era aquilo. ³⁷ Anunciaram-lhe que Jesus, o Nazareno, estava passando. ³⁸ Então ele gritou: — Jesus, Filho de Davi, tenha compaixão de mim!



39 E os que iam na frente o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: — Filho de Davi, tenha compaixão de mim!

40 Jesus parou e mandou que



**trouxessem o cego. E,
tendo ele chegado,
Jesus perguntou: ⁴¹ —
O que você quer que
eu lhe faça? Ele
respondeu: — Senhor,
que eu possa ver de
novo.**



**42 Jesus lhe disse: —
Pois, então, veja! A
sua fé salvou você. 43
Imediatamente ele
passou a ver de novo e
seguia Jesus,
glorificando a Deus.
Também todo o povo,
vendo isto, dava
louvores a Deus.**



Observações:

- a) **Jericó era a última grande parada antes da íngreme subida para Jerusalém.** A cidade era próspera, um importante centro comercial e de coleta de impostos (o que explica a presença de Zaqueu no capítulo seguinte), além de ser residência de muitos sacerdotes e levitas. A estrada estaria repleta de peregrinos judeus viajando para a celebração da Páscoa em Jerusalém.
- b) A viagem de aproximadamente **27 quilômetros entre Jericó e Jerusalém** era marcada por uma topografia extrema, por severas dificuldades físicas e por perigos constantes. Partindo de Jericó, no Vale do Jordão, a cerca de 250 metros abaixo do nível do mar, a rota consistia em uma subida contínua e íngreme até as montanhas da Judeia, onde Jerusalém está situada a uma altitude de 750 a 800 metros. Além de forçar os peregrinos a vencerem **um desnível exaustivo de mais de 1.000 metros, os caminhante ainda corriam o risco de assaltantes no caminho.** Para suportar a exaustão e o medo dessa perigosa travessia, os viajantes formavam grandes caravanas e entoavam os Salmos de Romagem (120 a 134), transformando o árduo esforço físico da subida em uma profunda preparação espiritual e ritual para a adoração no Templo.
- c) Imagine o grupo de discípulos subindo e cantando *“Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra”* (Sl **121**); ou, admirados, nas noites estreladas recitando: *“A ti levanto os meus olhos, ó tu que habitas nos céus. Assim como os olhos dos servos atentam*



*para as mãos dos seus senhores, e os olhos da serva para as mãos de sua senhora, assim os nossos olhos atentam para o SENHOR nosso Deus, até que tenha piedade de nós". (Sl 123). E como deve ter sido precioso ao **Senhor Jesus cantar**: “Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos“ (Sl 126) – pensando em **Isaías 53:11** “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.”*

- d) Uma observação: Mateus (20:29) e Marcos (10:46) afirmam que o milagre ocorreu quando Jesus saía de Jericó, enquanto Lucas relata que foi ao aproximar-se. Marcos também identifica o cego como Bartimeu, e Mateus menciona dois cegos.
- e) A harmonização: existiam “duas“ Jericós - A antiga cidade em ruínas “**Tell es-Sultan**”, mencionada no AT em Josué capítulo 6, a cidade cujos muros caíram na conquista de Canaã e a nova Jericó herodiana, construída um pouco mais ao sul. O texto faz sentido se Jesus estivesse saindo da “antiga“ Jericó e entrando na “nova“ Jericó romana. Quanto ao número, Mateus fornece o relato exato (eram dois cegos), enquanto Marcos e Lucas focam no porta-voz mais proeminente da dupla (Bartimeu).
- f) Sem previdência ou assistência estatal, um cego de origem humilde era reduzido à mendicância. Estar “sentado à beira do caminho“ era a única estratégia de sobrevivência. A época da Páscoa era especialmente lucrativa para os mendigos,

pois a lei judaica e a tradição rabínica enfatizavam a obrigação da esmola (*tzedacá*) durante as festividades. O cego, portanto, dependia da piedade alheia para sobreviver mais um dia, o que explica talvez sua insistência.





Mesmo não sendo a pretensão do evangelista, **esta narrativa faz um retrato claro das doutrinas da graça:**

Em meio a uma multidão barulhenta,

- o clamor de um eleito foi suficiente para fazê-lo parar. A graça eficaz alcança o indivíduo onde ele está, independentemente do caos ao redor.
- Perceba **que nem a religiosidade externa (a multidão indo para a Páscoa) nem a proximidade física com Cristo (os discípulos) garantem visão espiritual adequada,** porém ao cego que clama pela misericórdia do “Filho de Davi”, é revelada a soberania de Cristo (ele o chama depois “Senhor” no v.41). Por fim, a resposta a essa nova fé foi seguir Jesus Cristo (perseverança dos santos).



Além disso, os versículos seguintes (Lucas 18:36-43) ilustram muito bem a “anatomia” de uma conversão autêntica:

Primeiramente temos a **Notitia** (O Conhecimento Objetivo): **A fé verdadeira fé exige um objeto cognoscível.** A *notitia* ocorre quando o cego ouve o tumulto e é informado pela multidão: “Jesus, o Nazareno, está passando” (v. 37). Ele recebe o dado histórico e factual: Jesus, o Nazareno! O anúncio da presença de Cristo fornece a base material e objetiva sem a qual a fé não pode operar, confirmando que **a fé vem pelo ouvir.**

Em seguida, o **Assensus** (O Assentimento Teológico), ou seja, **a convicção de que a informação recebida é verdadeira.** A multidão identificou Jesus apenas por sua origem geográfica e humana ("o Nazareno"), mas o cego com base no que já ouvira daquele homem Jesus processa essa informação e assente à verdade teológica por trás de tudo: ele é o “Filho de Davi” (v. 38), ou seja, concorda com a revelação messiânica do Antigo Testamento e a aplica à pessoa de Jesus, demonstrando uma percepção espiritual superior à da multidão que enxergava fisicamente.

Por fim, o cego demonstra a **Fiducia** (A Confiança Pessoal e Exclusiva). A *fiducia* é o elemento culminante e salvífico da fé. O cego não apenas sabe quem Jesus é (*notitia*) e concorda com sua messianidade (*assensus*), mas lança o peso de sua miséria inteiramente sobre o Cristo. Isso se manifesta em **duas atitudes práticas:**



- a) O clamor por graça: Ao gritar “tem misericórdia de mim!”, **ele não apela a méritos próprios ou à justiça retributiva, mas exclusivamente à clemência do Messias.**
- b) A perseverança contra a oposição: Quando a multidão o repreende para que se cale (v. 39), **sua confiança o impulsiona a gritar ainda mais alto. A verdadeira *fiducia* não recua diante da hostilidade externa, pois repousa na certeza de que Cristo é a única fonte de redenção.**

A declaração final de Cristo, “a tua fé te salvou” (v. 42), valida a eficácia dessa tríade. A cura física operou como evidência externa da justificação interna, alcançada por meio de uma fé genuína, cujos elementos foram ativados pela graça soberana.



Vimos até aqui a atitude do cego, que bem pode representar a nossa diante do salvador que “está passando” por nossa vida. Os últimos versículos nos falam do que Jesus fez e pode fazer a quem, com fé verdadeira, se achega a Ele:

1. No versículo 41, Jesus faz uma pergunta aparentemente óbvia a um homem cego: **“Que queres que eu te faça?”**. Sendo onisciente, o Senhor não buscava informação, mas **confissão**. Trata-se de uma atitude pedagógica e pactual. **A pergunta exige que o homem articule sua miséria e declare publicamente sua dependência absoluta, transferindo a fé da esfera interna para a confissão audível e objetiva.**
2. A Resposta do Cego: Submissão e clareza. A resposta é exata e sem rodeios: “Senhor, que eu torne a ver”. (perceba a transição cristológica: antes era “Filho de Davi” (título messiânico e histórico), agora o cego O chama “Senhor” (*Kyrios*, título de soberania e divindade). O cego não pede apenas esmolas, que qualquer um poderia lhe dar, **mas pede o impossível aos homens**. Essa resposta reflete o ápice da *fiducia* (confiança), pois ele tem plena convicção de que somente Cristo possui o poder criador para restaurar sua visão.
3. **A consequência da fé salvífica: Justificação, Discipulado e Louvor.** No versículo 42, Jesus declara: “a tua fé te salvou”. O verbo grego carrega o duplo sentido de cura física e libertação espiritual, o que pode nos levar a crer que a abertura dos olhos físicos do cego foi o selo externo e visível de uma regeneração interna e invisível.



A prova exegética de que a salvação espiritual ocorreu de fato está no versículo 43. **O homem não retorna à sua antiga vida ou aos seus interesses pessoais.** Imediatamente, ele passa a manifestar os **frutos inegáveis da verdadeira conversão: Santificação e Discipulado:** Ele “o seguia”. **O homem deixa de estar prostrado “à beira do caminho” (v. 35) para se tornar um seguidor “no caminho”, unindo-se a Cristo na subida para Jerusalém.**

Doxologia: Ele o faz “glorificando a Deus”, cumprindo o fim principal do homem. A salvação individual do cego transborda para a congregação, levando “todo o povo” a também dar louvores a Deus. **A graça soberana não apenas redime o pecador, mas transforma sua vida em um instrumento de adoração pública.**



Lições para hoje

**Você conhece os fatos
sobre Cristo, ou apenas
“de nome”?**

**Você concorda
intelectualmente que Jesus
é o Messias prometido, ou
ainda duvida?**



Você já lançou o peso da sua miséria sobre Cristo, ou ainda procura justificar-se a si mesmo?

O cego estava à beira do caminho, mas, depois, estava no caminho, seguindo Jesus. Onde você está hoje?